

## UMA LEITURA DAS MARCAS DE SUBJETIVIDADE NO POEMA “QUEM SOU EU?” DE LINO VILLACHÁ

Elenir Ximenes<sup>1</sup>  
Adélia Maria Evangelista de Azevedo<sup>2</sup>

RESUMO: Interessamo-nos pela leitura das marcas de subjetividade, em instância de discurso, no poema, *Quem sou eu?* de Lino Villachá. O percurso teórico segue por fundamentos da Linguística da Enunciação, à luz do pensamento de Émile Benveniste (1995), a partir da seleção de dois estudos retirados da obra *Problemas de Linguística Geral – PLG*, volume I, e de diálogos desses fundamentos, com o conceito de *testemunho*, em Agamben (2008). A escolha do percurso de leitura explora as experiências de linguagem por conta da passagem de locutor a sujeito no discurso e os efeitos de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade; discurso; sujeito.

### 1. Percursos introdutórios para uma leitura sob o viés da Linguística da Enunciação, à luz de Émile Benveniste

Dedicamo-nos a apresentar uma leitura das marcas enunciativas deixadas pelo sujeito na língua, o objeto do enunciado, à luz de Émile Benveniste (1995), na poesia “Quem sou eu?” de Lino Villachá. A tarefa é complexa, uma vez que para o conceito de enunciação em cada capítulo teórico do livro, *Problemas de Linguística Geral*, doravante PLG I, tem-se uma complexidade inerente ao conjunto de definições.

Flores (2013, p.19) destaca que “é difícil ler Benveniste” porque sua obra apresenta ideias que ultrapassam o campo da enunciação, sendo necessário que o leitor busque focar o estudo em parte da obra, em uma temática isto porque “as fontes de Émile Benveniste são muitas e, através delas, o autor diz muito sobre fonologia, sintaxe, semântica, morfologia, pragmática e sobre outros tantos níveis de análise linguística” (FLORES,2013, p.22).

Para este momento, selecionamos o estudo, *A Natureza dos pronomes*, organizado no PLG I. O estudo foi publicado, em 1956, para *For Roman, Jakobson, Mouton & Co, Haia*. O segundo percurso teórico é o estudo, *Da Subjetividade da Linguagem*, também da mesma obra de Benveniste (1995) publicado, em 1958, para o *Journal de Psychologie*. As escolhas dos trabalhos teóricos de Benveniste são necessárias, visto a complexidade do conceito de enunciação.

Retiramos do capítulo 20, *A Natureza dos pronomes*, a interpretação de categoria de pessoa, enquanto signo que tem valor na passagem da língua em discurso, enquanto

---

<sup>1</sup> Especialização em Estudos da Linguagem – Letras-UEMS/Jardim-MS.

<sup>2</sup> Letras - UEMS/Fundect-MS.

*instância de discurso*. Somente no uso do sistema que o indivíduo passa a locutor. Isso ocorre quando este se apropria da língua para instaurar-se no discurso. Leiamos a seguinte passagem:

Quando o indivíduo se apropria dela, a linguagem se torna em instâncias de discurso, caracterizadas por esse sistema de referências internas cuja chave é *eu*, e que define o indivíduo pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor. Assim, os indicadores *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor. (BENVENISTE, 1995, p. 281)

Desse modo, a cada vez que “eu” instaura no discurso por meio da enunciação remete-se a um “eu”, distinto e singular, este por sua vez dialoga com um “tu” também diferente e complementar por conta da relação de proximidade existente entre o “eu/tu” no discurso. Para Benveniste (id. ib., p.281) a chave será o “eu”. A relação interlocutiva entre eu/tu é sempre atualizada no discurso e marcam lugares distintos das instâncias.

De acordo com Azevedo (2014), Émile Benveniste investiga os processos enunciativos presentes no ato individual da fala “pela qual o locutor apropria-se da língua para transformá-la em discurso” (AZEVEDO, 2014, p.12) no estudo de 1958, *Da subjetividade da linguagem*, encontramos na subjetividade as marcas de lugares enunciativos em que cada lugar o *eu* manifesta-se de forma única na instância de discurso. Selecionamos, para este trabalho, o capítulo 21, de PLG, volume I, *Da subjetividade da linguagem*. Deste estudo de 1958, recortamos o seguinte princípio enunciativo de Benveniste (1995, p. 286)

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as forma linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes. (BENVENISTE, 1995, p. 289)

A compreensão de subjetividade, no fragmento acima, está no fato de que na linguagem, aqui, compreendido língua há formas *vazias*, elas são responsáveis por provocar a *emergência da subjetividade* quando do uso no discurso pelo sujeito. A categoria de pessoa, no *exercício de discurso* remete à subjetividade no discurso, é o que define o sujeito. Assim, é na instância do discurso, na enunciação, que emerge o sujeito.

Além das discussões sobre a categoria de pessoa e a da subjetividade na língua(gem) com Benveniste (1995), relacionamos às discussões enunciativas às de base filosófica com Giorgio Agamben (ano), isso é possível, uma vez que se tem na possibilidade do *testemunho* nas marcas de categoria de pessoa, estas por sua vez fazem a passagem de locutor a sujeito quando do uso de pronomes pessoais na instância do discurso. Neste caso, o locutor passa a sujeito, uma vez que ele usa da língua para falar e viver o *homem na língua*.

### 1.1. Algumas trilhas de leitura a partir de fundamentos da Enunciação e da Filosofia

Em Agamben (2008), o conceito de *testemunho* há duas interpretações, a primeira aquela pessoa que se coloca como terceira na fala, ela dá testemunho do outro, ou do fato que o outro viveu. A outra noção de *testemunho* está na primeira pessoa, alguém que vivenciou algo e que dá seu testemunho. Nesta linha de pensamento Agamben (2008) afirma que:

[...] As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo”, os muçulmanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudo testemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta.[...] os submersos nada têm a dizer, nem tem instruções ou memórias a transmitir. Não têm “história”, nem “rosto” e menos ainda, “pensamento”. Quem assume para si o ônus de testemunhar por eles, sabe que deve testemunhar pela impossibilidade de testemunhar. (Agamben, 2008 p. 43)

Iniciamos destacando os ambientes retratados por Agamben (2008) e por Villaça (1976), eles são distintos. O primeiro dedica-se às análises de base filosóficas e linguísticas de versos do poeta Primo Levi, sobrevivente da tragédia humanitária do Holocausto. O filósofo italiano reflete sobre o testemunho e as categorias de testemunhas existentes. O ambiente do campo de concentração era um espaço de destruição de judeus em nome da purificação social e étnica, tanto um quanto o outro havia o perigo eminente.

Em Villaça, encontramos no poema “Quem sou eu?”, a experiência de linguagem por meio de instâncias enunciativas do “eu” e das marcas de sobrevivência em testemunhos do processo de isolamento vivido pelos doentes no leprosário. O isolamento e a morte sempre presente por causa do bacilo da hanseníase e a morte social. Em comum, há as exclusões vividas em graus de violência distintas, marcas do sofrimento.

Grégis (2006, p.02), linguista, defende que “no caso do monólogo, o *eu* e o *tu*, mesmo estando dentro de um mesmo ser, estão sempre inseridos em uma sociedade”, colocando se como sujeito de forma subjetiva como um *eu* em seu próprio discurso. Podemos perceber que no poema de Lino Villachá “Quem Sou eu?” temos a execução de um monólogo com as mesmas características descritas por Benveniste (1995) e por Grégis (200). Isto ocorre, porque o poeta utiliza-se da enunciação para promover “um maior autoconhecimento, e esse autoconhecimento necessita do outro para se desenvolver. Esse outro pode ser uma outra voz dentro de nós mesmos” (GRÉGIS, 2006, p.3), no caso apresentado temos ações enunciativas que se apresentam através do uso do eu para apresentar a reflexão do eu-lírico.

Em síntese, as discussões de *instâncias de discurso* a partir das marcas subjetivas do “eu” no discurso e de questões de *testemunhos* orientam para a leitura do poema do item 2, deste artigo.

## 2. Leitura do poema “*Quem sou eu?*” a partir das marcas de subjetividade

Apresentamos o *corpus de pesquisa* compreendendo o poema enquanto *instância de discurso* como um todo que se revela na unidade de enunciativa.

QUEM SOU EU?  
Quem sou eu?  
Um menino que aos doze anos ficou doente  
e foi internado em um leprosário  
em estado avançado.  
Não sabia da gravidade do seu mal  
foi até uma felicidade poder brincar  
com outros meninos, caçando, pescando,  
brincando de Tarzan no córrego de Botas  
Vinte e cinco depois,  
em sucessivas cirurgias,  
perdera os pés;  
as mãos se paralisaram,  
uma perna amputada...  
A impossibilidade de usar perna mecânica  
lhe trouxe uma cadeira de rodas,  
que passou a ser suas pernas.  
Mas como sempre encontrou uma maneira  
de sentir-se útil aos outros  
e, sobretudo, porque ama e é amado,  
é imensa e entusiasticamente feliz.  
Quem sou eu, então?  
- Um galho decepado pela tempestade,  
que rebrotou ao pé do tronco  
para estar presente na primavera...  
Quem seria eu?

Quem seria se tivesse as pernas,  
se tivesse as mãos,  
se fosse perfeito,  
se não precisasse arrastar-me pelo chão?  
Eu seria um outro,  
precisando desesperadamente saber  
que um galho arrancado pelo brotar,  
só pé do tronco,  
outra vez, ainda a tempo de viver...  
Quem sou eu?  
Um galho ou todos os galhos arrancados  
que renasceram ao pé do tronco  
ainda a tempo da primavera...  
Eis aqui minha flor...  
Por isso é preciso  
que a semente desse entusiasmo voe,  
que a semente desta fé Deus  
(que colhi com minhas mãos em garra)  
seja levada pelo vento, pelos pássaros,  
pelo vento voando como semente de capim  
e brote em todos os campos,  
para dar vida as novas vidas...  
É preciso  
que o sorriso que agora sorrio  
vá adiante sorrindo...  
E que a dor e a tristeza  
sejam como folhas mortas  
prostradas a meus pés...  
como minha lágrimas.

Assim após a apresentação do *corpus de pesquisa* procedemos num segundo momento, identificando o *corpus de análise*, com os recortes enunciativos, ou como denominaremos de *instâncias de discurso*.

Na primeira, *instância de discurso*, a 1ª pessoa “eu”, é marcada pela categoria de pessoa que enuncia o passado: “menino”, “doze anos”, “doença”, De acordo com Benveniste (1995, p. 278) “*eu* significa a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém “*eu*”.

Quem sou eu?  
Um menino que aos doze anos ficou doente  
e foi internado em um leprosário  
em estado avançado.  
Não sabia da gravidade do seu mal  
foi até uma felicidade poder brincar  
com outros meninos, caçando, pescando,  
brincando de Tarzan no córrego de Botas

Encontramos na leitura o uso do tempo verbal é o presente da fala, sendo este classificado pelo linguista sírio como o tempo verbal da enunciação. Benveniste (1995, p.289) ao apresentar uma reflexão sobre o uso da língua e a linguagem esclarece sobre a

questão do tempo da *instância do discurso*: “[...] de uma ou de outra maneira, uma língua distingue sempre ‘tempos’: quer seja um passado e um futuro, separados por um ‘presente’”. O locutor apropria-se do sistema e realiza a passagem a sujeito, com isso o faz com o tempo da enunciação, ou seja, atualiza a língua no discurso.

Ao analisarmos o poema podemos destacar também uso da preposição “até” que indica uma escalaridade semântica como foi o primeiro momento no leprosário: “Não sabia da gravidade do seu mal/foi até uma felicidade poder brincar/com outros meninos, caçando, pescando/brincando de Tarzan no córrego de Botas”. O eu-menino dá testemunho de momentos alegres, da convivência em sociedade, amigos e mesmo diante da situação viver parte de sua infância. Aqui, encontramos, o sujeito, distinto do “eu-menino” citado por Agamben (2008), nos versos de Primo Levi. A criança judia descrita nos versos de Primo Levi era marcada pela dor, angústia e pelo sofrimento desde os primeiros momentos nos campos de concentração. O filósofo italiano afirma que eram seres humanos “cheios de busca de asserção, de vontade de libertar-se, de romper a tumba do mutismo” (AGAMBEN 2008, p. 46).

Na primeira *instância de discurso*, encontramos o “eu-menino” num diálogo interno com o “tu” - leitor, memórias das emoções e lembranças. O locutor passa a sujeito quando se apropria de formas vazias. É pelo uso que faz da língua e nas experiências de linguagem que o indivíduo coloca-se como sujeito. Aqui, recuperamos o princípio enunciativo de Benveniste

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de A "subjetividade" de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como "sujeito". Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência... (BENVENISTE, 1995, p.286)

O ato individual, ou o exercício da linguagem, é que se tem a experiência de uso da língua seja pela categoria de pessoa seja pelo presente do ato de fala. No processo de enunciação a subjetividade marca pela atualização do “eu” a marca de muitos sujeitos no discurso.

Na segunda *instância de discurso*, realizamos a leitura de outros “eus”, eles emergem no discurso, isto porque o ao usar o *eu* tem-se os atos do discurso de forma

individual e para cada realização há o exercício da subjetividade. (BENVENISTE, id. ib., p.288)

eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. E um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre

Fato este claramente enunciado no poema através das expressões “25 anos depois”, “perdera os pés”, “paralisaram as mão”, “sempre”, percebemos uso de indicadores de tempo. As marcas da enunciação remetem a realidade no espaço e no tempo. Na instância do discurso, abaixo podemos perceber o uso do verbo no pretérito mais que perfeito (perdera), indicando que o sujeito deixa de possuir algo concreto, parte de seu corpo, apresentando assim as marcas subjetivas temporais para descrever as fases vividas no passado, usando assim da unicidade, tempo e espaço citados por Flores (2013, p.40) para através do ato da fala o eu que se transforma na língua:

Vinte e cinco depois,  
em sucessivas cirurgias,  
perdera os pés;  
as mãos se paralisaram,  
uma perna amputada...  
A impossibilidade de usar perna mecânica  
lhe trouxe uma cadeira de rodas,  
que passou a ser suas pernas.  
Mas como sempre encontrou uma maneira  
de sentir-se útil aos outros  
e, sobretudo, porque ama e é amado,  
é imensa e entusiasticamente feliz.

Aqui tem-se o “ele”, a terceira pessoa, há um afastamento do “eu” para que se possa descrever mais sobre o ele – menino que foi para o leprosário, que dá o seu testemunho apresentando fatos comuns para os sobreviventes da doença apresentando elementos que fazem parte do processo de reabilitação do doente. O eu-homem é apresentando por meio do ato de fala e das muitas transformações físicas decorrência da hanseníase destacando também as marcas do homem na língua. Para Azevedo (2014), o homem se situa e se inclui em relação à sociedade, apresentando em sua enunciação marcas linguísticas. Identificamos nos versos do poema: “A impossibilidade de usar perna mecânica/lhe trouxe uma cadeira de rodas”. Quais outras marcas emergem?

Na terceira *instância enunciativa*, encontramos o “eu” que se mostra pela relação da aparência física, e as perdas ocorridas, por causa do avanço doença. Há no ato do discurso, marcas de uma subjetividade de sentimentos positivos, pois se sentia útil apresentando uma força psíquica e características emocionais como felicidade e entusiasmo: “é imensa e entusiasmamente feliz.”. Além desses sentimentos há outros, tais como o amor e a esperança.

Leiamos os versos “Mas como sempre encontrou uma maneira de sentir-se útil aos outros e, sobretudo, porque ama e é amado.”. Nesta *instância*, é possível a leitura do questionamento: “Quem sou eu, então? A resposta é a de homem mutilado pelo agravo da hanseníase, por meio da metáfora entre o sujeito ‘eu’ e um “galho decepado”, “pé do tronco”, trazendo ao leitor a imagem da primavera ao qual as árvores e os troncos mesmo mutilados se transformam, evoluem, ressurgem. Afirmando que tanto a enunciação quanto a natureza passam por mudanças constantes.

Quem sou eu, então?  
- Um galho decepado pela tempestade,  
que rebrotou ao pé do tronco  
para estar presente na primavera...

Na quarta *instância do discurso* podemos destacar a presença de outro *eu*, isto porque eles estão a todo “instante na boca de todos os locutores, no sentido em que há um conceito “árvore” ao qual se reduzem todos os empregos individuais de árvore”. A leitura permite afirmarmos que se relaciona ao ato de renovar-se, transformar-se superar-se, promovendo assim a transmissão da realidade vivenciada por meio do testemunho e das marcas de subjetividade.

Reportamo-nos a Flores, uma vez que o linguista brasileiro destaca que Benveniste, na obra de PLG I, confirma que não alcançaremos uma comunicação linguística se não considerarmos que a linguagem é usada para auxiliar na definição do próprio homem e nunca o atingiremos de forma solitária, porque “[...] não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (PGL I, p.285 *apud* Flores 2013, p. 43)

Na quarta *instância enunciativa* mostra a possibilidade “Quem seria eu?”, “tivesse pernas, mãos”.

Quem seria eu?



Quem seria se tivesse as pernas,  
se tivesse as mãos,  
se fosse perfeito,  
se não precisasse arrastar-me pelo chão?

Há marcas da primeira pessoa, eu, e de marcas da 3ª p.s., ele, ou o “outro”, não-pessoa para Benveniste (id.,ib., p. 282): “A terceira pessoa”, representa de fato o membro não marcado pela correlação de pessoa. [...] não-pessoa é o único modo de enunciação possível para instância de discurso que não devam remeter as elas mesmas [...]. Para o linguista sírio, a terceira pessoa é inteiramente diferentes de *eu* e *tu*, pela sua função e pela sua natureza, assumem, substituem outros elementos materiais do enunciado, revezando com eles.

Eu seria um outro,  
precisando desesperadamente saber  
que um galho arrancado pelo brotar,  
só pé do tronco,  
outra vez, ainda a tempo de viver...

Para destacar as marcas da subjetividade no poema, o locutor instaura-se como sujeito ao fazer uso da língua. Enuncia-se enquanto homem galho, usando da metáfora para apresentar ao “tu”, leitor, a possibilidade de renascer mesmo diante da dor que o acompanha, florescer a cada primavera mesmo que a vida lhe leve seus galhos.

Quem sou eu?  
Um galho ou todos os galhos arrancados  
que renasceram ao pé do tronco  
ainda a tempo da primavera...

O testemunho do sujeito no discurso descreve a “verdadeira testemunha”, aquela em que o sujeito relata a evolução da doença, deixando marcas psíquicas, físicas e emocionais durante toda a sua vida. Segue na esteira da discussão de Azevedo (2014) de que a testemunha tem seu lugar importante na enunciação isto porque considera o sujeito um sobrevivente aos fatos vivenciados. A pesquisadora destaca que “[...] o lugar de testemunha é fundamental na enunciação, considerando que o sujeito é o que sobrevive aos fatos e dá testemunho de si e dos outros. Por isso, é quem se desloca sempre como sujeito na instância do discurso.” (AZEVEDO, 2014, p.188). Portanto, o poema de Lino Villachá, apresenta vários *eus*, cada um representa uma fase na sua vida, momentos bons e ruins.

Identificamos no discurso que há a instauração do sujeito numa representação do sofrimento vivenciado pela grande maioria dos pacientes contaminados pelo agravo, não representando uma realidade mais atual na qual os pacientes contaminados ao tratarem a doença não possuem mais as cruéis reações adversas, alcançando a cura sem nervos e membros acometidos. Nesta circunstância, o sujeito dá testemunho de muitos outros casos de sobreviventes dos antigos leprosários no Brasil.

Assim, podemos perceber a importância do sujeito na enunciação, e o testemunho que permite saber dos acontecimentos, resgatando os sentidos das palavras e momentos de experiência do homem na língua, além de mostrar a importância do eu locutor e tu o alocutado. O Sujeito que emerge no poema são os vários *eus* quando se propõe como locutor de muitas outros *eus*, ou vozes no poema, designando um tu “na alocação”.

O poeta Lino Villachá trouxe no poema um olhar diferente sobre a superação, e, nós nas trilhas dos princípios da enunciação e conceitos da filosofia, propomos este percurso de leitura. Com a leitura pelo viés da *categoria de pessoa e Da subjetividade da linguagem*.

### **3. Algumas considerações finais**

Reconhecemos as fragilidades de iniciantes no processo de leitura teórica e de análise linguística das marcas de subjetividade, somos que temos muito a ler e a aprender sobre. O nosso encantamento está nas marcas de subjetividade que emergem nas *instâncias do discurso* com a presença de muitos *eus* da enunciação que se unem em torno da constituição do sujeito no discurso.

Ao observarmos as marcas deixadas pelo sujeito durante no processo de enunciação percebemos a relação de diálogo, no qual o sujeito remete-se a um “eu”, distinto e único, e do outro lado um “tu” também diferente e complementar por conta da relação de proximidade existente entre o “eu/tu” no discurso. O eu-menino emerge na *intância de discurso*, enquanto ato único e singular, demonstrando circunstâncias enunciativas que promovem no leitor a percepção.

Identificamos no processo de leitura, a questão da verdadeira testemunha que ocupa na enunciação diferentes lugares para falar das experiências de vida, apresentando

seus sentimentos de forma intensa e apresenta em seu testemunho uma demonstração com marcas enunciativas pessoais e temporais.

A nossa escolha pela poesia “Quem sou eu?” de Lino Villachá, não foi aleatória foi uma seleção orientada pelo axioma de Benveniste (1995), *o homem na língua*. A questão do valor do testemunho e das discussões que eles suscitam em sociedade. As leituras serão retomadas no campo da Linguística da Enunciação com o objetivo de relermos futuramente ainda mais nas questões de tempo e espaço para os percursos de leitura com base em tais discussões.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.

AZEVEDO, Adélia Maria Evangelista. *A experiência na e pela língua(gem) em testemunhos dos povos ameríndios: a instauração de lugares enunciativos*. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. NOVAC, Maria da Glória; NERI, Maria Luisa. 4ª Ed. Campinas, São Paulo Pontes, 1976.

FLORES, V. do N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

GRÉGIS, Rosi Ana. A alteridade no monólogo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 4, n. 6, 2006.

SANTOS, Pedro. *Do signo, do olhar e do funcionamento da linguagem poética de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa*. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

VILLACHÁ, Lino. *Quem sou eu? A dor, o amor, e a vida na poesia de Lino Villachá*. Campo Grande. 1976.